EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA BASEADA EM APRENDIZAGEM EXPERIENCIAL: EVIDÊNCIAS SOBRE AUTOEFICÁCIA E INTENÇÃO EMPREENDEDORA EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

EXPERIENTIAL LEARNING-BASED ENTREPRENEURSHIP EDUCATION: EVIDENCE ON ENTREPRENEURIAL SELF-EFFICACY AND ENTREPRENEURIAL INTENTION AMONG UNIVERSITY STUDENTS

JOÃO PINHEIRO DE BARROS NETO
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO - PUC SP

Comunicação:
O XIV SINGEP foi realizado em conjunto com a 14th Conferência Internacional do CIK (CYRUS Institute of Knowledge) e com a SPARK (Society for Promoting Academic Research and Knowledge), em formato híbrido, com sede presencial na UNINOVE - Universidade Nove de Julho, no Brasil.

EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA BASEADA EM APRENDIZAGEM EXPERIENCIAL: EVIDÊNCIAS SOBRE AUTOEFICÁCIA E INTENÇÃO EMPREENDEDORA EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

Objetivo do estudo
Analisar a influência percebida de uma experiência de educação empreendedora baseada em aprendizagem experiencial sobre a autoeficácia empreendedora, a intenção empreendedora e o desenvolvimento de competências empreendedoras em estudantes universitários participantes do Programa Wadhwani Ignite.

Relevância/originalidade
O estudo contribui para a literatura sobre educação empreendedora ao analisar, em contexto real de ensino superior, os efeitos percebidos de uma experiência de aprendizagem experiencial sobre autoeficácia, intenção e competências empreendedoras, utilizando dados empíricos obtidos em ambiente acadêmico.

Metodologia/abordagem
Pesquisa quantitativa, descritiva e exploratória, conduzida por meio de estudo de caso único com 11 estudantes universitários. Os dados foram coletados por questionário estruturado com escala Likert e analisados mediante estatística descritiva, utilizando frequências e médias dos constructos investigados.

Principais resultados
Os resultados indicaram elevados níveis de autoeficácia empreendedora, orientação para oportunidades e necessidade de realização, além de percepção positiva de evolução das competências empreendedoras. A intenção empreendedora apresentou resultados moderados, enquanto a tolerância ao risco revelou maior variabilidade entre os participantes.

Contribuições teóricas/metodológicas
O estudo amplia o conhecimento sobre educação empreendedora baseada em aprendizagem experiencial ao evidenciar seus efeitos percebidos sobre competências empreendedoras. Metodologicamente, demonstra a aplicabilidade de medidas retrospectivas de mudança percebida para avaliação de experiências educacionais em contexto universitário.

Contribuições sociais/para a gestão
Os resultados oferecem subsídios para docentes, gestores acadêmicos e formuladores de políticas educacionais na implementação de práticas de educação empreendedora capazes de fortalecer competências empreendedoras, ampliar a confiança dos estudantes e aproximar teoria e prática no ensino superior.

Palavras-chave: Educação empreendedora, Aprendizagem experiencial, Autoeficácia empreendedora, Intenção empreendedora, Programa Wadhwani Ignite

EXPERIENTIAL LEARNING-BASED ENTREPRENEURSHIP EDUCATION: EVIDENCE ON ENTREPRENEURIAL SELF-EFFICACY AND ENTREPRENEURIAL INTENTION AMONG UNIVERSITY STUDENTS

Study purpose
To analyze the perceived influence of an experiential learning-based entrepreneurship education experience on entrepreneurial self-efficacy, entrepreneurial intention, and the development of entrepreneurial competencies among university students participating in the Wadhwani Ignite Program.

Relevance / originality
This study contributes to the entrepreneurship education literature by examining, in a real higher education context, the perceived effects of an experiential learning experience on entrepreneurial self-efficacy, entrepreneurial intention, and entrepreneurial competencies, using empirical data collected in an academic environment.

Methodology / approach
This quantitative, descriptive, and exploratory study was conducted through a single-case study involving 11 university students. Data were collected using a structured questionnaire with a Likert scale and analyzed through descriptive statistics, employing frequencies and mean scores for the investigated constructs.

Main results
The findings indicated high levels of entrepreneurial self-efficacy, opportunity orientation, and need for achievement, as well as a positive perception of the development of entrepreneurial competencies. Entrepreneurial intention showed moderate results, while risk tolerance exhibited greater variability among participants.

Theoretical / methodological contributions
The study expands knowledge on experiential learning-based entrepreneurship education by highlighting its perceived effects on entrepreneurial competencies. Methodologically, it demonstrates the applicability of retrospective perceived-change measures for evaluating educational experiences in higher education contexts.

Social / management contributions
The findings provide insights for instructors, academic managers, and educational policymakers regarding the implementation of entrepreneurship education practices capable of strengthening entrepreneurial competencies, increasing students' confidence, and bridging theory and practice in higher education.

Keywords: Entrepreneurship Education, Experiential Learning, Entrepreneurial Self-Efficacy, Entrepreneurial Intention, Wadhwani Ignite Program

EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA BASEADA EM APRENDIZAGEM EXPERIENCIAL: EVIDÊNCIAS SOBRE AUTOEFICÁCIA E INTENÇÃO EMPREENDEDORA EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

1 Introdução

O empreendedorismo é amplamente reconhecido como um importante vetor de inovação, geração de valor, desenvolvimento econômico e transformação social. Nesse contexto, as instituições de ensino superior desempenham papel fundamental na formação de indivíduos capazes de identificar oportunidades, propor soluções inovadoras e atuar em ambientes caracterizados pela incerteza e pela complexidade. Como consequência, a educação empreendedora passou a ocupar posição estratégica nos currículos universitários, incorporando metodologias que favorecem experiências práticas de aprendizagem.

A literatura indica que a educação empreendedora produz resultados mais consistentes quando fundamentada em abordagens experienciais, nas quais os estudantes aprendem por meio da ação, da experimentação e da reflexão sobre desafios reais. Essa perspectiva encontra respaldo nos pressupostos da Aprendizagem Experiencial de Kolb (1984), bem como em abordagens como o *Design Thinking* que ajuda a entender o problema, ao *Customer Development* que valida se o cliente realmente tem esse problema, e ao *Lean Startup* que testa rapidamente se a solução gera valor e pode se tornar um negócio viável, amplamente utilizadas em programas voltados ao desenvolvimento de competências empreendedoras. Nesse modelo, os estudantes assumem papel ativo na construção do conhecimento, sendo desafiados a identificar oportunidades, validar hipóteses, desenvolver soluções e estruturar modelos de negócio.

Entre os constructos mais investigados pela literatura destaca-se a autoeficácia empreendedora, entendida como a crença do indivíduo em sua capacidade de desempenhar atividades relacionadas à criação e ao desenvolvimento de empreendimentos. Fundamentada na Teoria Social Cognitiva de Bandura (1986, 1997), a autoeficácia é considerada um dos principais antecedentes da intenção empreendedora. Além dela, outras dimensões relevantes incluem orientação para oportunidades, necessidade de realização, tolerância ao risco e intenção empreendedora, competências cada vez mais importantes em um cenário marcado pela transformação tecnológica e pela crescente demanda por inovação.

Nesse contexto, o presente estudo analisa uma experiência de educação empreendedora desenvolvida em uma disciplina de graduação em Administração de uma universidade brasileira, cujo nome foi anonimizado para preservação institucional. A experiência incorporou o Programa Wadhwani Ignite (2026), baseado em aprendizagem experiencial e estruturado em uma jornada de identificação de problemas, validação de oportunidades, desenvolvimento de soluções, modelagem de negócios e elaboração de pitches. Participaram da experiência 11 estudantes organizados em cinco equipes, que desenvolveram cinco planos de negócio e concluíram integralmente os marcos previstos pelo programa.

Embora os benefícios da educação empreendedora sejam amplamente reconhecidos, ainda existem questionamentos sobre como experiências estruturadas de aprendizagem influenciam o desenvolvimento de competências empreendedoras percebidas pelos estudantes, especialmente em ambientes apoiados por tecnologias digitais e metodologias orientadas à prática.

Além disso, grande parte dos estudos concentra-se na avaliação da satisfação dos participantes ou da qualidade dos programas, permanecendo necessárias investigações sobre seus efeitos em variáveis comportamentais relevantes.

Dessa forma, o problema de pesquisa que orienta este estudo é: como uma experiência estruturada de educação empreendedora baseada em aprendizagem experiencial influencia a

autoeficácia empreendedora, a intenção empreendedora e a percepção de evolução das competências empreendedoras de estudantes universitários?

Para responder a essa questão, foi realizada uma investigação baseada na percepção dos estudantes participantes, utilizando um instrumento estruturado composto por escalas relacionadas à autoeficácia empreendedora, necessidade de realização, orientação para oportunidades, tolerância ao risco, intenção empreendedora e percepção de evolução das competências empreendedoras.

O objetivo geral da pesquisa foi analisar a influência percebida de uma experiência de educação empreendedora baseada em aprendizagem experiencial sobre a autoeficácia empreendedora, a intenção empreendedora e a evolução de competências empreendedoras em estudantes universitários. Especificamente, buscou-se: (i) mensurar os níveis de autoeficácia empreendedora; (ii) avaliar a capacidade percebida de identificar oportunidades, validar ideias e estruturar modelos de negócio; (iii) analisar os níveis de intenção empreendedora; (iv) examinar a percepção de evolução das competências empreendedoras e da confiança para empreender; e (v) descrever os resultados relacionados à necessidade de realização, orientação para oportunidades e tolerância ao risco.

A pesquisa justifica-se por contribuir para o avanço da literatura sobre educação empreendedora ao apresentar evidências oriundas de uma experiência real de aprendizagem experiencial no ensino superior. Adicionalmente, amplia a compreensão dos mecanismos pelos quais práticas pedagógicas centradas na ação podem favorecer o desenvolvimento de competências empreendedoras e oferece subsídios para docentes, gestores e formuladores de políticas educacionais interessados em fortalecer ambientes de aprendizagem voltados à inovação e ao empreendedorismo.

2 Referencial Teórico

O empreendedorismo consolidou-se como um campo de investigação multidisciplinar que reúne contribuições da Administração, Economia, Psicologia e Educação. No contexto contemporâneo, a educação empreendedora tem sido reconhecida como um importante mecanismo para o desenvolvimento de competências relacionadas à criação de valor, inovação, identificação de oportunidades e adaptação a ambientes complexos e incertos.

2.1 Educação empreendedora no ensino superior

A educação empreendedora vai além da preparação para a criação de empresas, buscando desenvolver comportamentos, atitudes e competências aplicáveis a diferentes contextos profissionais e sociais (Kuratko, 2016; Lopes, 2010).

Historicamente, o ensino do empreendedorismo esteve concentrado na elaboração de planos de negócios e na transmissão de conteúdos conceituais. Contudo, autores como Neck e Greene (2011) defendem uma abordagem centrada na prática, na experimentação e na reflexão, na qual os estudantes assumem papel ativo no processo de aprendizagem e no desenvolvimento de competências empreendedoras.

A literatura internacional indica que programas de educação empreendedora podem influenciar positivamente conhecimentos, atitudes, competências e intenções empreendedoras. Revisões da literatura realizadas por Nabi et al. (2017), Fayolle e Gailly (2015), Rodrigues (2023) e Motta e Galina (2023) convergem ao demonstrar que abordagens baseadas em participação ativa, resolução de problemas e vivências práticas tendem a produzir resultados superiores aos métodos exclusivamente expositivos.

Dessa forma, observa-se crescente consenso de que a educação empreendedora eficaz deve transcender a simples transmissão de conteúdos, promovendo ambientes de aprendizagem que permitam aos estudantes experimentar, validar ideias e construir conhecimento a partir da interação com desafios reais (Neck et al., 2014; Kuratko, 2016).

2.2 Aprendizagem experiencial e desenvolvimento de competências empreendedoras

A Aprendizagem Experiencial (*Experiential Learning*) constitui uma das principais bases teóricas das metodologias contemporâneas de educação empreendedora. Desenvolvida por Kolb (1984), essa abordagem pressupõe que a aprendizagem ocorre por meio de um ciclo contínuo composto por experiência concreta, observação reflexiva, conceitualização abstrata e experimentação ativa.

Segundo Kolb (1984), o conhecimento é construído pela transformação da experiência em aprendizagem significativa. Sob essa perspectiva, os estudantes aprendem de forma mais efetiva quando participam diretamente de situações práticas, refletindo sobre suas ações e incorporando novos conhecimentos aos desafios subsequentes. Essa lógica apresenta elevada aderência ao processo empreendedor, caracterizado por ciclos iterativos de descoberta, validação, aprendizagem e adaptação.

No campo da educação empreendedora, a aprendizagem experiencial tem sido frequentemente associada à Aprendizagem Baseada em Projetos (*Project-Based Learning* - PBL), ao *Design Thinking*, ao *Customer Development* e à metodologia *Lean Startup* (Alvarez, 2014; Blank & Dorf, 2014; Boss & Larmer, 2024). Essas abordagens compartilham a premissa de que o aprendizado ocorre mediante a experimentação de hipóteses e a interação contínua com o ambiente externo.

Conforme destacam Kujala et al. (2022), plataformas educacionais estruturadas para apoiar jornadas empreendedoras proporcionam aos estudantes oportunidades concretas para desenvolver competências relacionadas à identificação de oportunidades, validação de problemas, modelagem de negócios e comunicação de propostas de valor. Em estudo realizado em ambiente universitário, os autores observaram que experiências orientadas para a ação aumentaram o engajamento estudantil e favoreceram a aprendizagem orientada para resultados.

De maneira convergente, Ilonen (2021) argumenta que ambientes de aprendizagem empreendedora devem estimular autonomia, criatividade, experimentação e reflexão crítica, contribuindo para o fortalecimento da mentalidade empreendedora. Tais evidências reforçam a importância de abordagens fundamentadas na prática como mecanismos capazes de potencializar o desenvolvimento de competências associadas ao empreendedorismo.

2.3 Autoeficácia empreendedora e Teoria Social Cognitiva

Entre os constructos mais relevantes para a compreensão do comportamento empreendedor destaca-se a autoeficácia. O conceito foi desenvolvido por Bandura (1986, 1997) no âmbito da Teoria Social Cognitiva e refere-se à crença do indivíduo em sua capacidade de organizar e executar ações necessárias para alcançar determinados resultados.

Para Bandura (1997), indivíduos que apresentam elevados níveis de autoeficácia tendem a demonstrar maior persistência diante de dificuldades, maior disposição para enfrentar desafios e maior probabilidade de assumir iniciativas orientadas a objetivos. No contexto empreendedor, a autoeficácia influencia diretamente a percepção de viabilidade das ações necessárias para criar e desenvolver novos negócios.

A aplicação do conceito ao empreendedorismo resultou no desenvolvimento do constructo denominado autoeficácia empreendedora (*entrepreneurial self-efficacy*). Chen, Greene e Crick (1998) demonstraram que empreendedores apresentam níveis significativamente superiores de autoeficácia quando comparados a gestores não empreendedores. Os autores argumentam que essa percepção de competência afeta decisões relacionadas à identificação de oportunidades, inovação e criação de negócios.

Posteriormente, Zhao, Seibert e Hills (2005) verificaram que a autoeficácia exerce papel mediador entre experiências de aprendizagem e intenção empreendedora. Os resultados sugerem que indivíduos expostos a experiências educacionais e profissionais relevantes tendem

a desenvolver maior confiança em sua capacidade empreendedora, aumentando sua predisposição para empreender.

Estudos mais recentes continuam reforçando a centralidade desse constructo. Wardana et al. (2024) verificaram que a autoeficácia empreendedora apresenta efeito significativo sobre a intenção empreendedora, funcionando como um mecanismo explicativo entre fatores antecedentes e a predisposição para empreender. De forma semelhante, Xie e Wang (2025) identificaram que ambientes educacionais apoiados por inteligência artificial fortalecem a autoeficácia dos estudantes, contribuindo para níveis mais elevados de intenção empreendedora.

Diante dessas evidências, a autoeficácia empreendedora constitui um importante indicador para avaliar os resultados de experiências de educação empreendedora, especialmente aquelas fundamentadas em metodologias experiencialmente orientadas.

2.4 Intenção empreendedora e Teoria do Comportamento Planejado

A intenção empreendedora representa um dos constructos mais utilizados para explicar o comportamento empreendedor. Segundo Ajzen (1991), a intenção corresponde ao antecedente imediato do comportamento, refletindo o grau de disposição de um indivíduo para realizar determinada ação.

A Teoria do Comportamento Planejado (*Theory of Planned Behavior* – TPB) propõe que a intenção é influenciada por três fatores principais: atitude em relação ao comportamento, norma subjetiva e controle comportamental percebido. Este último apresenta forte proximidade conceitual com a autoeficácia, pois se refere à percepção individual sobre a capacidade de executar determinada ação (Ajzen, 1991).

No campo do empreendedorismo, Krueger, Reilly e Carsrud (2000) demonstraram que modelos baseados na intenção apresentam elevada capacidade explicativa para compreender a decisão de empreender. Posteriormente, Liñán e Chen (2009) desenvolveram instrumentos específicos para mensuração da intenção empreendedora, os quais passaram a ser amplamente utilizados em pesquisas internacionais.

A literatura contemporânea sugere que experiências educacionais voltadas ao empreendedorismo influenciam positivamente a formação da intenção empreendedora. Karimi e Kosari Honarmand (2026), por exemplo, identificaram que a educação empreendedora afeta positivamente o controle comportamental percebido e, consequentemente, a intenção de empreender. Os autores argumentam que a participação em atividades práticas contribui para ampliar a percepção de competência dos estudantes para atuar em contextos empreendedores.

Adicionalmente, Fayolle e Gailly (2015) observaram que os efeitos da educação empreendedora sobre a intenção podem persistir após o término das intervenções educacionais, sugerindo que experiências pedagógicas bem estruturadas são capazes de gerar mudanças duradouras nas percepções e atitudes dos participantes.

2.5 Necessidade de realização e comportamento empreendedor

A necessidade de realização constitui uma dimensão relevante do comportamento empreendedor, estando associada à busca por desafios, ao estabelecimento de metas ambiciosas, à responsabilidade pelos resultados e à disposição para alcançar desempenho superior. Originalmente proposta por McClelland (1961), essa perspectiva permanece presente nos estudos contemporâneos sobre competências empreendedoras, que relacionam a orientação para resultados e a busca de realização ao desenvolvimento de comportamentos empreendedores e à identificação de oportunidades de negócio (Man et al., 2002; Mitchelmore & Rowley, 2010).

Segundo McClelland (1961), indivíduos com elevada necessidade de realização tendem a estabelecer metas mais ambiciosas, buscar constantemente melhorias de desempenho e

assumir responsabilidade pelos resultados de suas ações. Tais características apresentam forte aderência ao comportamento empreendedor, uma vez que empreendedores frequentemente atuam em ambientes de incerteza que exigem iniciativa, persistência e comprometimento com objetivos de longo prazo.

A literatura sobre empreendedorismo reconhece a necessidade de realização como um importante antecedente das intenções e dos comportamentos empreendedores, sendo frequentemente associada à capacidade de transformar oportunidades em resultados concretos e à disposição para enfrentar desafios organizacionais e mercadológicos (Hisrich et al., 2014; Kuratko, 2016). Dessa forma, o constructo permanece relevante para estudos que investigam o desenvolvimento de competências empreendedoras em ambientes educacionais.

2.6 Competências empreendedoras, oportunidade e tolerância ao risco

O desenvolvimento de competências empreendedoras constitui um dos principais objetivos da educação empreendedora. Man, Lau e Chan (2002) definem competências empreendedoras como o conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes que permitem ao indivíduo identificar oportunidades, mobilizar recursos e gerar resultados sustentáveis.

Mitchelmore e Rowley (2010) argumentam que tais competências abrangem múltiplas dimensões, incluindo capacidades estratégicas, relacionais, organizacionais e inovadoras. Entre elas, destacam-se a identificação de oportunidades, a capacidade de assumir riscos calculados, a resolução de problemas e a orientação para resultados.

A orientação para oportunidades é frequentemente considerada uma característica distintiva do comportamento empreendedor. Para McGrath e MacMillan (2000), indivíduos com mentalidade empreendedora tendem a perceber oportunidades onde outros enxergam apenas obstáculos, mantendo postura ativa diante das transformações do ambiente.

Outra dimensão relevante refere-se à tolerância ao risco. Embora o empreendedorismo esteja associado à incerteza, a literatura enfatiza que empreendedores não assumem riscos indiscriminadamente. Ao contrário, procuram avaliar alternativas e tomar decisões fundamentadas em informações disponíveis (Hisrich, Peters, & Shepherd, 2014; Dornelas, 2012).

Complementarmente, Lee e Jung (2021) demonstraram que a mentalidade empreendedora exerce papel mediador entre a tolerância à incerteza e a adaptabilidade profissional, evidenciando a importância da capacidade de lidar com contextos imprevisíveis para o desenvolvimento de trajetórias empreendedoras e profissionais bem-sucedidas.

2.7 Síntese teórica e posicionamento do estudo

A revisão da literatura evidencia um consenso acerca da relevância da educação empreendedora baseada em aprendizagem experiencial como estratégia para o desenvolvimento de competências empreendedoras. Estudos anteriores apontam que experiências práticas favorecem o fortalecimento da autoeficácia empreendedora, ampliam a percepção de capacidade para agir em contextos incertos e influenciam positivamente a intenção empreendedora (Bandura, 1997; Zhao et al., 2005; Motta & Galina, 2023; Wardana et al., 2024).

Entretanto, ainda existem oportunidades para aprofundar a compreensão sobre como experiências estruturadas de aprendizagem empreendedora influenciam simultaneamente múltiplos constructos associados ao desenvolvimento empreendedor, especialmente em ambientes universitários apoiados por plataformas digitais, jornadas estruturadas de aprendizagem e recursos de inteligência artificial.

Nesse contexto, o presente estudo posiciona-se na interseção entre educação empreendedora, aprendizagem experiencial, autoeficácia empreendedora e intenção empreendedora, buscando investigar de que forma uma experiência educacional estruturada

influencia a percepção dos estudantes quanto ao desenvolvimento de competências empreendedoras e à sua preparação para empreender. Tal abordagem contribui para aproximar teoria e prática, alinhando-se às prioridades de pesquisa contemporâneas na área de Empreendedorismo e Educação Empreendedora.

3 Metodologia

Esta pesquisa possui abordagem quantitativa, com finalidade descritiva e exploratória, sendo desenvolvida a partir da análise das percepções de estudantes universitários que participaram de uma experiência de educação empreendedora baseada em aprendizagem experiencial. A investigação buscou compreender como uma jornada estruturada de aprendizagem empreendedora influenciou constructos associados ao desenvolvimento empreendedor, especialmente autoeficácia empreendedora, intenção empreendedora, orientação para oportunidades, necessidade de realização, tolerância ao risco e percepção de evolução das competências empreendedoras.

3.1 Caracterização da pesquisa

De acordo com Creswell e Creswell (2021), pesquisas quantitativas são adequadas quando o objetivo consiste em mensurar fenômenos e analisar padrões observáveis por meio de variáveis previamente definidas. No presente estudo, a utilização de escalas estruturadas permitiu a obtenção de indicadores mensuráveis acerca da percepção dos estudantes sobre os resultados de aprendizagem decorrentes da experiência educacional.

Sob a perspectiva dos objetivos, a pesquisa caracteriza-se como descritiva, uma vez que busca descrever características, percepções e comportamentos de um grupo específico de participantes (Gil, 2026). Simultaneamente, apresenta caráter exploratório, pois investiga um contexto ainda pouco estudado na literatura nacional, relacionado à utilização de uma jornada digital estruturada de aprendizagem empreendedora em cursos de graduação.

Quanto aos procedimentos técnicos, a investigação configura-se como um estudo de caso único, realizado em uma disciplina de graduação em Administração oferecida por uma instituição brasileira de ensino superior, cujo nome foi omitido para fins de anonimização. Conforme Yin (2015), o estudo de caso é apropriado quando se pretende analisar fenômenos contemporâneos inseridos em seus contextos reais, especialmente quando os limites entre fenômeno e contexto não são claramente definidos.

3.2 Contexto da pesquisa

O contexto investigado corresponde à disciplina Pesquisas, Projetos e Práticas nas Organizações V (PPPO V): Empreendedorismo e Planos de Mudança nas Organizações, ofertada no primeiro semestre de 2026 em um curso de graduação em Administração. A disciplina possui carga horária de 68 horas-aula e tem como objetivo desenvolver competências relacionadas à criação de negócios, elaboração de modelos de negócio, validação de oportunidades, construção de planos de negócio e desenvolvimento da capacidade empreendedora.

Como ferramenta complementar às atividades acadêmicas da disciplina foi adotado o Programa Wadhwani Ignite (2026), iniciativa internacional de educação empreendedora baseada em aprendizagem experiencial. O programa conduz os estudantes por uma jornada empreendedora estruturada (*Venture Journey*), composta por atividades relacionadas à identificação de problemas, validação de hipóteses, desenvolvimento de soluções, modelagem de negócios e elaboração de apresentações para avaliação.

Durante a realização da disciplina participaram 11 estudantes, organizados em cinco equipes de trabalho. Ao longo da jornada empreendedora foram desenvolvidos cinco planos de negócio, sendo registrada taxa de entrega de 100% nos três marcos (milestones) previstos pelo

programa. Esses indicadores evidenciam elevado engajamento dos participantes no processo de aprendizagem analisado.

3.3 População e amostra

A população da pesquisa corresponde ao conjunto de estudantes regularmente matriculados na disciplina durante o semestre letivo analisado.

Em razão do reduzido número de participantes, optou-se pela realização de um censo da turma, contemplando a totalidade dos estudantes envolvidos na experiência educacional. Assim, a amostra foi composta por 11 respondentes, representando 100% dos alunos participantes da disciplina.

A adoção do censo elimina erros de amostragem decorrentes da seleção parcial dos participantes e possibilita que os resultados representem integralmente as percepções do grupo investigado. Todavia, como se trata de uma amostra intencional e circunscrita a um único contexto educacional, os resultados devem ser interpretados considerando as características específicas do caso estudado.

3.4 Instrumento de coleta de dados

A coleta de dados foi realizada mediante aplicação de questionário estruturado elaborado com base na literatura de educação empreendedora e comportamento empreendedor. O instrumento foi composto por 19 assertivas distribuídas em seis constructos: Autoeficácia empreendedora (4 itens); Necessidade de realização (3 itens); Orientação para oportunidades (3 itens); Tolerância ao risco (3 itens); Intenção empreendedora (3 itens); Percepção retrospectiva de evolução das competências empreendedoras (3 itens).

A estrutura conceitual do instrumento foi fundamentada em referenciais amplamente consolidados na literatura, incluindo a Teoria Social Cognitiva (Bandura, 1986, 1997), os estudos sobre autoeficácia empreendedora (Chen et al., 1998; Zhao et al., 2005), a Teoria do Comportamento Planejado (Ajzen, 1991), os estudos de intenção empreendedora (Liñán & Chen, 2009) e pesquisas contemporâneas sobre educação empreendedora e aprendizagem experiencial (Nabi et al., 2017; Motta & Galina, 2023; Wardana et al., 2024).

3.5 Procedimentos de coleta de dados

Os dados foram coletados após a conclusão da experiência educacional, quando os participantes já haviam percorrido a totalidade da jornada empreendedora e concluído as entregas previstas pelo programa.

Considerando que não foi realizado levantamento diagnóstico no início da disciplina, optou-se pela utilização de um bloco específico de avaliação retrospectiva de mudança percebida (*self-perceived change*), no qual os estudantes compararam sua situação atual com aquela percebida antes da participação na experiência educacional. Essa estratégia metodológica é amplamente utilizada em pesquisas de educação, treinamento e desenvolvimento de competências quando não há disponibilidade de medidas prévias de referência.

O bloco de percepção de evolução buscou mensurar alterações percebidas pelos participantes em três dimensões centrais: capacidade empreendedora; confiança para empreender; forma de compreender e analisar oportunidades de negócios.

3.6 Procedimentos de análise dos dados

Os dados obtidos foram submetidos inicialmente à análise estatística descritiva. Conforme Field (2017), essa etapa permite sintetizar informações e identificar padrões presentes nos dados observados.

Para cada item do instrumento foram calculadas frequências absolutas, frequências relativas (%), médias dos itens e médias dos constructos investigados.

Adicionalmente, os resultados foram organizados em tabelas de distribuição de frequência contendo quantidades, percentuais e totalizações, permitindo a visualização do comportamento das respostas para cada variável investigada.

3.7 Aspectos éticos

A pesquisa foi conduzida observando os princípios éticos aplicáveis à pesquisa acadêmica, garantindo anonimato, confidencialidade das respostas e utilização dos dados exclusivamente para fins científicos.

Nenhuma informação individual foi divulgada ou associada à identidade dos participantes. Da mesma forma, a identificação institucional foi suprimida do estudo, sendo a universidade tratada de forma anonimizada a fim de preservar sua privacidade e evitar potenciais vieses de interpretação. Os procedimentos adotados estão alinhados às recomendações para pesquisas com seres humanos descritas por Witiuk et al. (2018).

3.8 Limitações da pesquisa

Algumas limitações devem ser consideradas na interpretação dos resultados. A primeira refere-se ao tamanho da amostra, composta por apenas 11 estudantes pertencentes a uma única turma, o que restringe a generalização estatística dos achados para outras populações acadêmicas.

A segunda limitação decorre da adoção de medidas autorrelatadas, que refletem percepções dos participantes e podem sofrer influência de fatores subjetivos inerentes aos processos de autoavaliação.

A terceira limitação está associada à ausência de pré-teste. Embora o estudo utilize uma estratégia retrospectiva de percepção de mudança amplamente empregada em pesquisas educacionais, essa abordagem não substitui integralmente medições longitudinais realizadas antes e depois da intervenção.

Por fim, o estudo concentra-se em um único contexto institucional e em uma experiência específica de educação empreendedora baseada em aprendizagem experiencial, razão pela qual futuras pesquisas poderão ampliar a análise por meio de amostras maiores, múltiplas instituições e delineamentos longitudinais capazes de acompanhar a evolução das competências empreendedoras ao longo do tempo.

4 Análise dos Resultados e Discussões

A análise dos resultados foi realizada com base nas respostas dos 11 estudantes participantes da experiência de educação empreendedora baseada em aprendizagem experiencial desenvolvida na disciplina investigada. Conforme descrito na metodologia, a totalidade dos estudantes da turma respondeu ao instrumento de pesquisa (n = 11), correspondendo a 100% da população analisada. Os resultados são apresentados por constructo, permitindo avaliar os níveis de desenvolvimento percebido das competências empreendedoras e sua relação com a literatura discutida anteriormente.

Antes da análise das percepções dos estudantes, é importante destacar os indicadores operacionais da experiência educacional, conforme Tabela 1.

Os dados evidenciam elevado engajamento dos participantes ao longo da jornada empreendedora. Todas as equipes concluíram integralmente os marcos previstos, produzindo cinco planos de negócio ao final do processo. Esse resultado sugere aderência dos estudantes à proposta pedagógica e constitui um indicador relevante da viabilidade da utilização de metodologias experienciais apoiadas por plataformas digitais no ensino superior.

Tabela 1. Indicadores gerais da experiência de educação empreendedora (n = 11)

Indicador	Quantidade	Percentual
Estudantes participantes	11	100,0%
Equipes formadas	5	100,0%
Planos de negócio desenvolvidos	5	100,0%
Equipes que concluíram o Marco 1	5/5	100,0%
Equipes que concluíram o Marco 2	5/5	100,0%
Equipes que concluíram o Marco 3	5/5	100,0%

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa.

4.1 Autoeficácia empreendedora

A autoeficácia empreendedora foi considerada o principal constructo do estudo, conforme sugerido pela literatura que a reconhece como um dos mais importantes antecedentes da intenção empreendedora (Bandura, 1997; Zhao et al., 2005; Wardana et al., 2024).

Nesse sentido, os resultados da Tabela 2 revelam elevados níveis de autoeficácia empreendedora entre os participantes. A média geral de 4,34 indica forte concordância dos estudantes quanto à sua capacidade de executar atividades típicas do processo empreendedor.

O maior resultado foi observado na capacidade de estruturar modelos de negócio (M = 4,55), seguida da identificação de oportunidades (M = 4,45). Esses achados são particularmente relevantes porque ambas as competências representam etapas centrais da jornada empreendedora proposta pelo programa utilizado na disciplina.

Sob a perspectiva teórica, os resultados corroboram a argumentação de Bandura (1997), segundo a qual experiências de sucesso e execução prática fortalecem crenças de autoeficácia. Também convergem com os achados de Chen, Greene e Crick (1998) e Zhao et al. (2005), que identificaram a autoeficácia como variável-chave para a formação de comportamentos empreendedores.

Tabela 2. Resultados do constructo Autoeficácia Empreendedora (n = 11)

Item	Média
Identificar oportunidades de negócio	4,45
Validar ideias com clientes reais	4,18
Tomar decisões em condições de incerteza	4,18
Estruturar um modelo de negócio	4,55
Média geral do constructo	4,34

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa (Escala Likert de 1 a 5).

4.2 Necessidade de realização

O constructo necessidade de realização está associado à busca por desafios, responsabilização pelos resultados e alcance de metas de desempenho, aspectos frequentemente relacionados ao comportamento empreendedor (Man et al., 2002; Mitchelmore & Rowley, 2010).

Os resultados apresentados na Tabela 3 indicam elevados níveis de necessidade de realização entre os participantes (M = 4,39). O item com melhor desempenho refere-se à responsabilidade pelos resultados das próprias decisões (M = 4,64), seguido da satisfação em superar desafios (M = 4,45).

Os achados sugerem que os estudantes apresentam características compatíveis com a busca por resultados, responsabilização pelas decisões e orientação para objetivos, aspectos frequentemente associados ao comportamento empreendedor (Man et al., 2002; Mitchelmore & Rowley, 2010).

Tabela 3. Resultados do constructo Necessidade de Realização (n = 11)

Item	Média
Sinto satisfação em superar desafios	4,45
Assumo responsabilidade pelos resultados das minhas decisões	4,64
Busco estabelecer metas desafiadoras para meu desenvolvimento	4,09
Média geral do constructo	4,39

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa (Escala Likert de 1 a 5).

4.3 Orientação para oportunidades

O constructo orientação para oportunidades, demonstrado na Tabela 4, apresentou uma das maiores médias da pesquisa (M = 4,48), observando-se forte percepção de capacidade para identificar oportunidades, monitorar tendências de mercado e transformar ideias em propostas viáveis. Esses achados reforçam os pressupostos da literatura sobre mentalidade empreendedora e reconhecimento de oportunidades, competências consideradas centrais no processo empreendedor.

A elevada frequência de respostas positivas sugere que os estudantes perceberam ganhos expressivos na capacidade de identificar oportunidades empreendedoras. Esse resultado é compatível com a literatura que associa a mentalidade empreendedora à capacidade de reconhecer oportunidades em ambientes complexos (McGrath & MacMillan, 2000).

Adicionalmente, os resultados reforçam o pressuposto de que a aprendizagem experiencial possibilita uma aproximação entre teoria e prática, favorecendo a observação de problemas reais e a construção de soluções com potencial de geração de valor (Kolb, 1984; Motta & Galina, 2023).

Tabela 4. Resultados do constructo Orientação para Oportunidades (n = 11)

Item	Média
Consigo identificar problemas relevantes que podem virar negócios	**4,45**
Estou atento(a) a tendências e oportunidades no mercado	**4,45**
Consigo transformar ideias em oportunidades viáveis	**4,55**
Média geral do constructo	**4,48**

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa (Escala Likert de 1 a 5).

4.4 Tolerância ao risco

A tolerância ao risco, como mostra a Tabela 5, apresentou média geral de 3,94, inferior aos resultados observados para autoeficácia empreendedora, necessidade de realização e orientação para oportunidades. O item mais bem avaliado foi a disposição para assumir riscos calculados (M = 4,18), enquanto o menor resultado foi observado na capacidade de lidar com incertezas (M = 3,73).

Esses resultados sugerem que a experiência educacional contribuiu para fortalecer a confiança dos estudantes, embora a disposição para atuar em ambientes marcados por elevada incerteza ainda apresente maior variabilidade entre os participantes.

A presença de respostas neutras e parcialmente discordantes sugere que a tolerância ao risco representa uma dimensão mais complexa de ser desenvolvida em um único semestre letivo. Diferentemente da construção de competências técnicas e cognitivas, a disposição para lidar com incertezas está frequentemente associada a fatores pessoais, experiências anteriores e características individuais.

Esse resultado encontra respaldo em Hisrich, Peters e Shepherd (2014), que argumentam que a gestão do risco empreendedor exige maturação comportamental e experiência acumulada.

Tabela 5. Resultados do constructo Tolerância ao Risco (n = 11)

Item	Média
Sinto-me confortável em lidar com incertezas	3,73
Tenho disposição para assumir riscos calculados	4,18
Consigo lidar bem com fracassos	3,91
Média geral do constructo	3,94

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa (Escala Likert de 1 a 5).

4.5 Intenção empreendedora

A intenção empreendedora, Tabela 6, constitui um dos constructos centrais da Teoria do Comportamento Planejado e representa importante indicador da predisposição para empreender (Ajzen, 1991; Liñán & Chen, 2009).

Os resultados indicam um comportamento particularmente interessante. Embora a intenção imediata de desenvolver um negócio próprio tenha apresentado média moderada (M = 3,45), a percepção de preparo para empreender alcançou média significativamente superior (M = 4,00).

Esse achado converge com estudos de Fayolle e Gailly (2015) e Nabi et al. (2017), que demonstram que a educação empreendedora pode fortalecer capacidades e atitudes empreendedoras mesmo quando os participantes ainda não manifestam intenção imediata de criação de empresas.

Tabela 6. Resultados do constructo Intenção Empreendedora (n = 11)

Item	Média
Pretendo desenvolver ou continuar meu negócio	3,45
Tenho maior interesse em empreender	3,64
Sinto-me mais preparado para empreender	4,00
Média geral do constructo	3,70

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa (Escala Likert de 1 a 5).

4.6 Percepção de evolução das competências empreendedoras

O bloco de reflexão retrospectiva, constante na Tabela 7, foi elaborado para mensurar a percepção de transformação decorrente da experiência educacional, verificando-se que os participantes perceberam evolução relevante após a experiência educacional. A média geral igual a 4,00 indica concordância com a afirmação de que houve desenvolvimento de capacidades relacionadas ao empreendedorismo.

Do ponto de vista metodológico, esse é um dos principais achados da pesquisa, pois evidencia uma percepção consistente de transformação entre os estudantes. Conforme discutido na literatura de educação empreendedora, mudanças percebidas constituem importante evidência de aprendizagem quando se avaliam programas educacionais baseados em experiências práticas (Kolb, 1984; Kujala et al., 2022).

Tabela 7. Percepção de evolução das competências empreendedoras (n = 11)

Item	Média
Minha capacidade empreendedora melhorou	4,09
Sinto-me mais confiante para empreender	3,91
Minha forma de pensar negócios evoluiu	4,00
Média geral do constructo	4,00

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa (Escala Likert de 1 a 5).

4.7 Discussão integrada dos resultados

A análise conjunta dos resultados permite identificar três evidências principais. A primeira evidência refere-se ao fortalecimento da autoeficácia empreendedora. Os participantes demonstraram elevada confiança para identificar oportunidades, estruturar modelos de negócio e atuar em contextos de incerteza. Esse resultado reforça o papel da aprendizagem experiencial como mecanismo de construção de capacidades percebidas, alinhando-se diretamente às proposições de Bandura (1997), Zhao et al. (2005) e Wardana et al. (2024).

A segunda evidência consiste no fortalecimento da orientação para oportunidades e da necessidade de realização. Os estudantes demonstraram capacidade de identificar problemas de mercado, perceber tendências e buscar desafios, competências amplamente reconhecidas como essenciais para o comportamento empreendedor contemporâneo (Man et al., 2002; Mitchelmore & Rowley, 2010).

A terceira evidência revela que a experiência gerou percepção de evolução das competências empreendedoras, mesmo sem produzir aumento homogêneo da intenção imediata de abertura de negócios. Tal evidência sugere que a educação empreendedora pode contribuir significativamente para a formação de competências empreendedoras aplicáveis tanto ao empreendedorismo tradicional quanto ao intraempreendedorismo e à atuação profissional em organizações estabelecidas.

Em termos práticos, os achados indicam que experiências educacionais estruturadas, apoiadas por metodologias experienciais, marcos de aprendizagem e desenvolvimento de projetos reais, podem ser utilizadas por instituições de ensino superior para fortalecer competências empreendedoras, ampliar a confiança dos estudantes e aproximar teoria e prática no processo formativo.

Assim, a pesquisa demonstra que a educação empreendedora baseada em aprendizagem experiencial não apenas promove engajamento acadêmico, mas também favorece o desenvolvimento de capacidades consideradas essenciais para atuação profissional em sociedades caracterizadas por inovação, transformação tecnológica e crescente complexidade organizacional.

5 Conclusões

O presente estudo teve como objetivo analisar a influência percebida de uma experiência de educação empreendedora baseada em aprendizagem experiencial sobre a autoeficácia empreendedora, a intenção empreendedora e a evolução de competências empreendedoras em estudantes universitários. Para tanto, foi investigada uma experiência desenvolvida em uma disciplina de graduação em Administração, na qual foi utilizada uma jornada estruturada de aprendizagem empreendedora apoiada por recursos digitais, marcos de avaliação e desenvolvimento de projetos de negócio reais.

Os resultados obtidos permitem concluir que a experiência analisada contribuiu positivamente para o desenvolvimento de competências empreendedoras percebidas pelos estudantes. Os indicadores revelaram elevados níveis de autoeficácia empreendedora, especialmente nas competências relacionadas à identificação de oportunidades de negócio, à estruturação de modelos de negócio e à validação de soluções.

Tais resultados reforçam as proposições teóricas da Teoria Social Cognitiva e da literatura sobre autoeficácia empreendedora, segundo as quais experiências práticas de aprendizagem contribuem para fortalecer a percepção de capacidade necessária à ação empreendedora (Bandura, 1997; Chen et al., 1998; Zhao et al., 2005).

A pesquisa também identificou resultados favoráveis nos constructos de orientação para oportunidades e necessidade de realização. Os estudantes demonstraram elevada capacidade percebida para reconhecer problemas passíveis de transformação em oportunidades de negócio, acompanhar tendências e converter ideias em propostas viáveis. Além disso, observaram-se

níveis elevados de comprometimento com desafios, responsabilidade pelos resultados e busca por metas de desenvolvimento, características frequentemente associadas ao comportamento empreendedor. Esses achados corroboram a literatura que associa metodologias experienciais ao fortalecimento de competências empreendedoras e ao desenvolvimento da mentalidade empreendedora.

Outro resultado relevante refere-se à percepção de evolução das competências empreendedoras. A maioria dos participantes declarou ter melhorado sua capacidade empreendedora, ampliado sua confiança para empreender e desenvolvido uma nova forma de analisar oportunidades de negócio. Esse resultado é particularmente importante porque evidencia que a experiência educacional produziu não apenas aprendizagem operacional relacionada à elaboração de planos de negócio, mas também mudanças percebidas na forma de pensar e agir diante de desafios empreendedores.

Embora os resultados relacionados à intenção empreendedora tenham se mostrado positivos, eles apresentaram intensidade inferior à observada nos indicadores de autoeficácia e desenvolvimento de competências. Esse achado sugere que a participação em experiências de educação empreendedora pode fortalecer a preparação, a confiança e a capacidade para empreender sem necessariamente produzir, de maneira imediata, a decisão de criar um negócio próprio.

Tal evidência está alinhada com estudos que defendem que os efeitos da educação empreendedora podem manifestar-se em horizontes temporais mais amplos, influenciando trajetórias profissionais futuras, iniciativas de intraempreendedorismo e comportamentos inovadores em diferentes contextos organizacionais.

Do ponto de vista teórico, a pesquisa contribui para o fortalecimento das discussões sobre educação empreendedora baseada em aprendizagem experiencial ao fornecer evidências empíricas sobre a relação entre experiências estruturadas de aprendizagem, autoeficácia empreendedora e desenvolvimento de competências. As evidências obtidas reforçam a relevância de abordagens fundamentadas na prática, na experimentação e na validação progressiva de hipóteses, ampliando o entendimento sobre os mecanismos pelos quais a educação empreendedora pode produzir resultados significativos no ensino superior.

Sob a perspectiva prática, os achados oferecem subsídios para docentes, coordenadores de curso, gestores universitários e formuladores de políticas educacionais interessados em promover ambientes de aprendizagem mais aderentes às demandas contemporâneas do mercado de trabalho.

A elevada taxa de engajamento observada, materializada pela conclusão integral dos marcos da jornada empreendedora e pelo desenvolvimento de planos de negócio por todas as equipes, sugere que metodologias estruturadas de aprendizagem experiencial podem contribuir para aproximar teoria e prática, estimular o protagonismo estudantil e desenvolver competências relevantes para contextos organizacionais caracterizados por inovação, transformação digital e incerteza.

Como principal contribuição inovadora, a pesquisa evidencia que experiências educacionais estruturadas e apoiadas por tecnologias digitais podem produzir impactos positivos simultaneamente sobre diferentes dimensões do comportamento empreendedor, particularmente autoeficácia, orientação para oportunidades e percepção de evolução das competências empreendedoras. Dessa forma, o estudo amplia o conhecimento disponível sobre os efeitos de ambientes de aprendizagem empreendedora no contexto do ensino superior e contribui para o avanço das pesquisas na interface entre educação empreendedora, aprendizagem experiencial e desenvolvimento de competências.

Por fim, a pesquisa apresenta limitações que devem ser consideradas. O estudo foi realizado com um número reduzido de participantes, restrito a uma única turma e a uma única instituição de ensino superior, o que limita a generalização dos resultados. Além disso, os dados

baseiam-se em percepções autorrelatadas dos estudantes e não foi realizado um pré-teste antes da intervenção educacional.

Dessa forma, pesquisas futuras poderão utilizar amostras maiores, envolver múltiplas instituições, realizar estudos longitudinais com medições antes e depois da intervenção, aplicar análises estatísticas mais robustas e investigar os efeitos da educação empreendedora sobre o comportamento empreendedor efetivo após a conclusão da formação acadêmica. Também são recomendados estudos comparativos entre diferentes metodologias de educação empreendedora e diferentes contextos institucionais, visando aprofundar a compreensão dos fatores que potencializam o desenvolvimento de competências empreendedoras no ensino superior.

Declaração de Uso de IA

Este trabalho utilizou ferramenta de Inteligência Artificial Generativa para apoio em revisão linguística, organização textual e aprimoramento editorial. Todo o conteúdo foi revisado criticamente pelos autores, que assumem integral responsabilidade pelo manuscrito submetido.

Referências

Ajzen, I. (1991). The theory of planned behavior. *Organizational Behavior and Human Decision Processes*, *50*(2), 179–211. https://doi.org/10.1016/0749-5978(91)90020-T

Alvarez, C. (2014). *Lean customer development: Building products your customers will buy*. O'Reilly Media.

Bandura, A. (1986). *Social foundations of thought and action: A social cognitive theory*. Prentice-Hall.

Bandura, A. (1997). *Self-efficacy: The exercise of control*. W. H. Freeman.

Blank, S., & Dorf, B. (2014). *Startup: Manual do empreendedor*. Alta Books.

Boss, S., & Larmer, J. (2024). *Ensino baseado em projetos: Como criar experiências de aprendizagem sólidas e envolventes*. Penso.

Chen, C. C., Greene, P. G., & Crick, A. (1998). Does entrepreneurial self-efficacy distinguish entrepreneurs from managers? *Journal of Business Venturing, 13*(4), 295–316. https://doi.org/10.1016/S0883-9026(97)00029-3

Creswell, J. W., & Creswell, J. D. (2021). *Projeto de pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Penso.

Dornelas, J. C. A. (2012). *Empreendedorismo: Transformando ideias em negócios* (4ª ed.). Elsevier.

Fayolle, A., & Gailly, B. (2015). The impact of entrepreneurship education on entrepreneurial attitudes and intention: Hysteresis and persistence. *Journal of Small Business Management*, *53*(1), 75–93. https://doi.org/10.1111/jsbm.12065

Field, A. (2017). *Discovering statistics using IBM SPSS statistics* (5th ed.). Sage.

Gil, A. C. (2026). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. Atlas.

Hisrich, R. D., Peters, M. P., & Shepherd, D. A. (2014). *Empreendedorismo* (9ª ed.). AMGH.

Ilonen, S. (2021). Creating an entrepreneurial learning environment for entrepreneurship education in higher education: The educator's perspective. *Industry and Higher Education, 35*(4), 518–530. https://doi.org/10.1177/09504222211020637

Karimi, S., & Kosari Honarmand, Z. (2026). Exploring how entrepreneurship education and entrepreneurial mindset shape students' entrepreneurial intention in an Iranian university context. *PLoS ONE*. https://doi.org/10.1371/journal.pone.0348903

Kolb, D. A. (1984). *Experiential learning: Experience as the source of learning and development*. Prentice-Hall.

Krueger, N. F., Jr., Reilly, M. D., & Carsrud, A. L. (2000). Competing models of entrepreneurial intentions. *Journal of Business Venturing, 15*(5–6), 411–432. https://doi.org/10.1016/S0883-9026(98)00033-0

Kujala, I., Nyström, A.-G., Wendelin, C., & Brännback, M. (2022). Action-based learning platform for entrepreneurship education: Case NÅA Business Center. *Entrepreneurship Education and Pedagogy, 5*(4), 576–598. https://doi.org/10.1177/25151274211045913

Kuratko, D. F. (2016). *Empreendedorismo: Teoria, processo e prática*. Cengage Learning.

Lee, A., & Jung, E. (2021). The mediating role of entrepreneurial mindset between intolerance of uncertainty and career adaptability. *Sustainability, 13*(13), 7099. https://doi.org/10.3390/su13137099

Liñán, F., & Chen, Y.-W. (2009). Development and cross-cultural application of a specific instrument to measure entrepreneurial intentions. *Entrepreneurship Theory and Practice, 33*(3), 593–617. https://doi.org/10.1111/j.1540-6520.2009.00318.x

Lopes, R. M. A. (Org.). (2010). *Educação empreendedora: Conceitos, modelo e práticas*. Campus/SEBRAE.

Man, T. W. Y., Lau, T. K., & Chan, K. F. (2002). The competitiveness of small and medium enterprises: A conceptualization with focus on entrepreneurial competencies. *Journal of Business Venturing, 17*(2), 123–142. https://doi.org/10.1016/S0883-9026(00)00058-6

McClelland, D. C. (1961). *The achieving society*. Van Nostrand.

McGrath, R. G., & MacMillan, I. (2000). *The entrepreneurial mindset: Strategies for continuously creating opportunity in an age of uncertainty*. Harvard Business School Press.

Mitchelmore, S., & Rowley, J. (2010). Entrepreneurial competencies: A literature review and development agenda. *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research, 16*(2), 92–111. https://doi.org/10.1108/13552551011026995

Motta, V. F., & Galina, S. V. R. (2023). Experiential learning in entrepreneurship education: A systematic literature review. *Teaching and Teacher Education, 121*, 103919. https://doi.org/10.1016/j.tate.2022.103919

Nabi, G., Liñán, F., Fayolle, A., Krueger, N., & Walmsley, A. (2017). The impact of entrepreneurship education in higher education: A systematic review and research agenda. *Academy of Management Learning & Education, 16*(2), 277–299. https://doi.org/10.5465/amle.2015.0026

Neck, H. M., & Greene, P. G. (2011). Entrepreneurship education: Known worlds and new frontiers. *Journal of Small Business Management, 49*(1), 55–70. https://doi.org/10.1111/j.1540-627X.2010.00314.x

Neck, H. M., Greene, P. G., & Brush, C. G. (2014). *Teaching entrepreneurship: A practice-based approach*. Edward Elgar Publishing.

Rodrigues, A. L. (2023). Entrepreneurship education pedagogical approaches in higher education. *Education Sciences, 13*(9), 940. https://doi.org/10.3390/educsci13090940

Wadhwani Foundation. (2026). *Wadhwani Ignite*. https://web.nen.wfglobal.org/en/ignite-program

Wardana, L. W., Harmanto, H., Wibowo, A., Narmaditya, B. S., & others. (2024). Does entrepreneurial self-efficacy really matter for entrepreneurial intention? Lesson from COVID-19. *Cogent Education, 11*(1). https://doi.org/10.1080/2331186X.2024.2317231

Witiuk, I. L., França, B., Krüger, C., & Guebert, M. C. C. (2018). *Ética em pesquisa envolvendo seres humanos* (Vol. 2). PUCPRESS.

Xie, Y., & Wang, S. (2025). Generative artificial intelligence in entrepreneurship education enhances entrepreneurial intention through self-efficacy and university support. *Scientific Reports, 15*, 24079. https://doi.org/10.1038/s41598-025-09545-3

Yin, R. K. (2015). *Estudo de caso: Planejamento e métodos* (5ª ed.). Bookman.

Zhao, H., Seibert, S. E., & Hills, G. E. (2005). The mediating role of self-efficacy in the development of entrepreneurial intentions. *Journal of Applied Psychology, 90*(6), 1265–1272. https://doi.org/10.1037/0021-9010.90.6.1265